

## Coup D'Étrier

Castro Alves

É preciso partir! Já na calçada  
Retinem. as esporas do arrieiro;

Da mula a ferradura tacheada  
Impaciente chama o cavaleiro;  
A espaços ensaiando uma toada  
Sinha as bestas o lépido tropeiro...  
Soa a celeuma alegre da partida,  
O pajem firma o loro e empunha a brida.

Já do largo deserto o sopro quente  
Mergulha perfumado em meus cabelos.  
Ouço das selvas a canção cadente  
Segredando-me incógnitos anelos.  
A voz dos servos pitoresca, ardente  
Fala de amores férvidos, singelos...

Adeus! Na folha rota de meu fado  
Traço ainda um — adeus — ao meu  
Um adeus! E depois morra no olvido  
Minha história de luto e de martírio,  
As horas que eu vaguei louco, perdido  
Das cidades no tétrico delírio;

Onde em pântano turvo, apodrecido  
D'íntimas flores não rebenta um lírio...  
E no drama das noites do prostíbulo  
É mártir — alma... a saturnal — patíbulo!  
Onde o Gênio sucumbe na asfixia  
Em meio à turba alvar e zombadora;

Onde Musset suicida-se na orgia,  
E Chatterton na fome aterradora!  
Onde, à luz de uma lâmpada sombrio,  
O Anjo-da-Guarda ajoelhado chora,  
Enquanto a cortesã lhe apanha os prantos  
P'ra realce dos lúbricos encantos!...

Abre-me o seio, ó Madre Natureza!  
Regaços da floresta americana,  
Acalenta-me a mádida tristeza  
Que da vaga das turbas espadana.  
Troca dest'alma a fria morbidez

Nessa ubérrima seiva soberana!...

O Pródigo... do lar procura o trilho...  
Natureza! Eu voltei... e eu sou teu filho!  
Novo alento selvagem, grandioso  
Trema nas cordas desta frouxa lira.  
Dá-me um plectro bizarro e majestoso,  
Alto como os ramais da sicupira.

Cante meu gênio o dédalo assombroso

Da floresta que ruge e que suspira,  
Onde a víbora lambe a parasita...  
E a onça fula o dorso pardo agita!  
Onde em cálix de flor imaginária

A cobra de coral rola no orvalho,  
E o vento leva a um tempo o canto vário  
D'araponga e da serpe de chocalho...  
Onde a soidão é o magno estradivário...  
Onde há múscl'os em fúria em cada galho,  
E as raízes se torcem quais serpentes...

E os monstros jazem no ervaçal dormentes.  
E se eu devo expirar... se a fibra morta  
Reviver já não pode a tanto alento...  
Companheiro! Uma cruz na selva corta  
E planta-a no meu tosco monumento!...  
Da chapada nos ermos... (o qu'importa?)

Melhor o inverno chora... e geme o vento.  
E Deus para o poeta o céu desata  
Semeado de lágrimas de prata!...